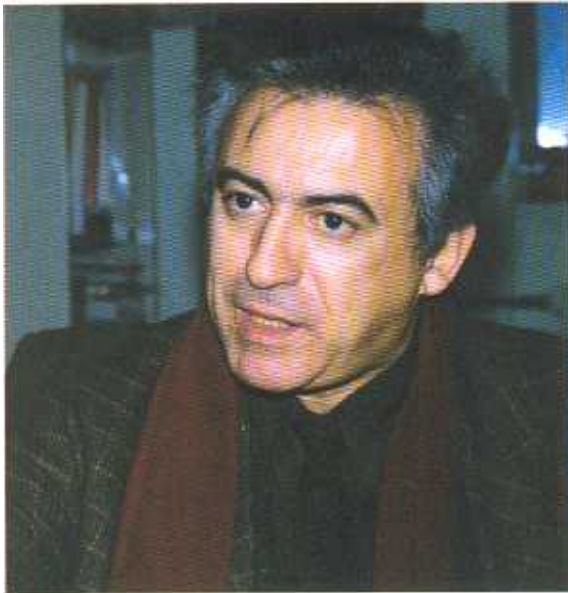


## Vítor Serrão à Pedra & Cal: Faltam técnicos capazes de encarar o Património como algo de vivo, integrado e interdisciplinar

l Miguel Conde



Vítor Serrão, historiador da arte.

Historiador da arte reputado, Vítor Serrão desde sempre defendeu a abordagem do Património numa perspectiva integrada e como parte dinâmica de um todo social. No estilo claro e frontal que o caracteriza, falou à *Pedra & Cal* sobre o papel dos historiadores da arte nas vertentes teóricas e práticas da conservação e restauro, bem como das necessidades de cooperação interdisciplinar e institucional nestas áreas.

Pesem embora algumas lacunas ainda existentes, mostra-se satisfeito com o crescente interesse geral suscitado pelas temáticas ligadas à preservação do Património.

**P&C:** *Vivemos num período em que o Património, nomeadamente o arquitectónico, parece ser mais valorizado e cuidado. Na sua opinião, qual o papel do historiador da arte na sua salvaguarda?*

**Vítor Serrão (VS):** A um primeiro nível, cabe-nos provar que o *facto patrimonial* é uma entidade dotada de vida e de dinâmica próprias e que necessita de um tratamento especial, nomeadamente o de usufruir do seu direito à inutilidade. Não é fácil fazer reconhecer esse direito, já que um dos problemas do Património é que, em muitos casos, já se tornou rentável, há muitas pessoas a ganhar muito dinheiro à sua conta, e não falamos apenas daquelas que o fazem ilegalmente.

O Património, pelo simples facto de existir, implica um determinado tipo de cuidados, regras e respetos que não tem havido. Assim, o olhar do historiador da arte é uma *mais-valia* para o trabalho do dono de obra, do arquitecto ou do restaurador, justamente porque vai colaborar com uma visão estética que o trabalho eminentemente técnico geralmente não engloba.

*"...o olhar do historiador da arte é uma mais-valia para o trabalho do dono da obra, do arquitecto ou do restaurador..."*

Este trabalho pluridisciplinar permite definir melhor o território da intervenção, até para que se evite aquela visão retrógrada que concebe o Património como uma gaveta de

velharias, de poeira do tempo. A sua legitimidade vem do facto de este ter uma vida própria, que escapa à temporalidade normativa da História. Daí que se fale de códigos transtemporais que projectam a pintura, a talha, o objecto decorativo e a própria arquitectura num conjunto com uma comunicabilidade muito vasta.

**P&C:** *A área dos revestimentos, que acabou de referir, é, normalmente, aquela à qual o historiador da arte aparece mais ligado.*

**VS:** Sim, normalmente aparece neste âmbito para estudar pintura mural ou um retábulo, a talha e, mais raramente, o estuque ou o esgrafito. A estes últimos a atenção dada tem sido ainda menor, o que é de lamentar, uma vez que o nosso país é nessas artes muito rico. Artes muitas vezes ditas menores e que nunca tiveram o tratamento que deveriam ter.

**P&C:** *Dentro da área do Património, os revestimentos parecem estar remetidos para uma segunda linha das prioridades. O que se pode fazer para corrigir esta hierarquização?*

**VS:** Abordamos aqui uma questão fundamental, que é a falta de uma política de Gestão Integrada do Património, que fomentaria um trabalho interdisciplinar equilibrado, desde a primeira etapa. Não estaríamos perante um conjunto de técnicos chamados em função da intervenção, mas sim perante uma equipa que, *a priori*, define as dificuldades que a obra pode colocar e

se prepara em função disso, para a entender na sua globalidade histórica, artística e matérica. Isto é que é Gestão Integrada, na qual também não se pode esquecer o papel do fruidor.

**P&C:** *E quais são as atribuições do historiador da arte nessa equipa? A importância do seu papel tem sido reconhecida pelos outros intervenientes?*

**VS:** Desde há alguns anos tem havido o cuidado de chamar e integrar o historiador da arte nos projectos. Embora amiúde continue a aparecer só no final da intervenção, para publicar um livro ou um capítulo. Muitas das vezes, a iniciativa de acompanhamento de um projecto parte do próprio historiador da arte e não dos seus responsáveis. Pelo que, apesar dos progressos que têm tido lugar, ainda estamos longe do espírito da tal Gestão Integrada.

Deveria haver uma gestão politicamente integrada, que foi algo que falhou quando o Ministério da Cultura foi criado. Não houve vontade ou meios para criar o "diálogo" necessário. Actualmente temos a DGEMN, o IPPAR, a Igreja, as autarquias e os privados. O número de intervenientes dificulta uma tutela única. Como técnico defendo que, mesmo numa conjuntura em que há tutelas diferentes, pode existir uma prática, integrada e interdisciplinar, correcta. Para isso é fundamental a formação de técnicos numa perspectiva de trabalho que englobe a

*"...mesmo numa conjuntura em que há tutelas diferentes, pode existir uma prática, integrada e interdisciplinar, correcta."*

História da Arte, a gestão do património, os métodos de laboratório e a conservação e restauro, desenvolvendo um olhar mais crítico. Há que formar novas mentalidades, para que se tome consciência que o Património é uma mais-valia, identitária para um país, que defende uma memória e reabilita uma região. E é neste âmbito que devemos ver também a pintura mural e os revestimentos.

**P&C:** *Quando é chamado a participar, a opinião do historiador da arte tem um peso efectivo?*

**VS:** Já vai tendo, pois a sua opinião amplia a eficiência do projecto. Embora não esteja em pé de igualdade com o projectista, o empreiteiro ou o dono de obra, tal como deveria, até para contextualizar as responsabilidades do próprio projecto arquitectónico com o ambiente onde está integrado e com "quem" vai dialogar. E aí a História da Arte pode ser de grande utilidade porque é a disciplina que devolve a memória do lugar.

**P&C:** *Podem estabelecer-se os limites eticamente correctos de uma intervenção, nomeadamente ao nível dos revestimentos?*

**VS:** A intervenção deverá ser o mais "pequena" ou então o mais bem enquadrada possível. Da mesma forma que um qualquer projecto arquitectónico numa área histórica não pode prescindir de um prévio trabalho de arqueologia, também a História da Arte, pelos seus saberes, tem um papel na conservação correcta

do espírito da obra em geral e dos revestimentos em particular.

**P&C:** *E esse conhecimento técnico está a ser bem aproveitado?*

**VS:** Gradualmente vai sendo. Principalmente porque já há alguns historiadores da arte que trabalham especificamente no património regional, em que o turismo cultural começa a ter um peso que não é despiciendo. Bem orientado e enquadrado numa gestão integrada, o turismo cultural auxilia a defesa do Património, pois o dono de obra tira proveito acrescido de intervir bem. Das Faculdades ou das Escolas tem de partir um novo espírito de historiador da arte, não de gabinete, mas com uma componente viva, integrada e de rua. Que tenha uma utilidade acrescida por discutir em plano de igualdade com o arquitecto, com o dono de obra e com o utente em geral.

*"... finalmente (...) tomamos consciência de que o país não é só a Batalha e os Jerónimos."*

Estamos perante uma nova realidade que é a redescoberta do país: o Côa, a cidade romana de Óbidos, o megalitismo alentejano. Parece que finalmente, na década de 90, tomamos consciência de que o país não é só a Batalha e os Jerónimos. Descobrimos que havia muito mais, e bom. E o que era bom não era obrigatoriamente o que se pautava por padrões italianos ou flamengos, mas aquilo que tinha uma genuinidade definidora de um espaço. Tem de haver um encaminhamento

eficaz até ao momento em que haja uma tutela única e um poder tão grande da área da história, arte e restauro, que possa contrariar os lobbies do anti-Património que por aí vingam. O que implica técnicos. Incorrúptíveis, apaixonados, com uma autonomia alargada no campo em que intervêm e com uma boa formação teórico-prática.

**P&C:** *O inventário dos bens está a ser feito pela DGEMN?*

**VS:** A DGEMN arrancou com o inventário dos bens arquitectónicos e dos revestimentos, entendidos como património arquitectónico: pintura mural, estuque, etc. É algo que tem sido muito bem feito. No entanto, o que é roubado é o Património móvel não tutelado e aí não há controlo. Os revestimentos não têm esse inventário realizado, até porque não se entendia muito desse tema, só recentemente começou a despertar um maior interesse, de que é exemplo a tese de Doutoramento do Arq. José Aguiar. Não digo só a pintura mural, mas o estuque, embrechados e o esgrafito têm vindo a ser vistos com outros olhos.

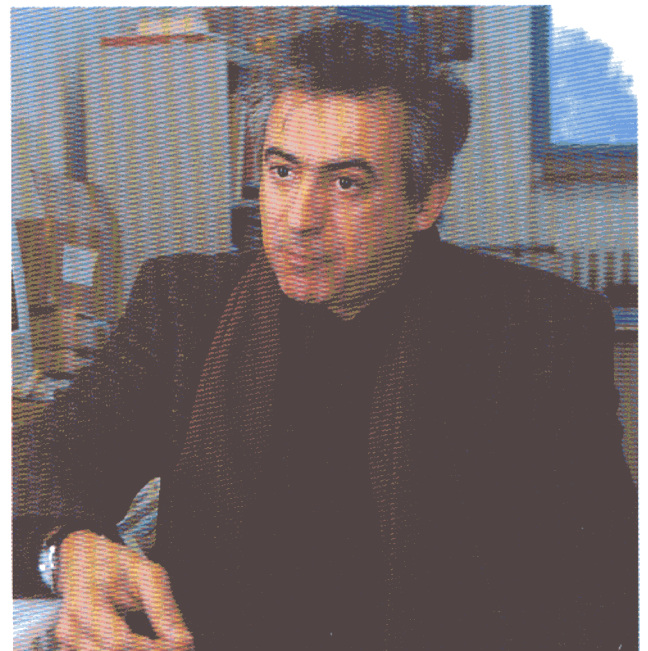
**P&C:** *É um processo de auto-formação do próprio historiador da arte?*

**VS:** Sim, a História da Arte é a disciplina que aponta para o primado do olhar como uma ferramenta de trabalho. É também isso que tentamos valorizar no mestrado da

FLUL, tentando reunir todas estas disciplinas. A receptividade tem sido boa, porque faz falta o historiador não se limitar ao arquivo. Deverá criar uma linguagem comum que tenha como ponto de contacto a História da Arte: gabinetes de restauro, PDM, contratos-programa de acompanhamento de obras, rotas turísticas, Câmaras, etc. Todos eles têm falta de técnicos com estas características. Técnicos que sejam capazes de encarar a obra de arte como algo de vivo, integrado e também interdisciplinar.

**P&C:** *O cidadão comum tem colaborado para o bem-estar do seu Património?*

**VS:** Nota-se que o fruidor começa a ter consciência da sua importância, como se pode constatar pela reacção da opinião pública quando há algum atentado patrimonial. Gradualmente, as pessoas vão encarando o seu Património como uma mais-valia para a sua qualidade de vida e zelam por ele. Tenho esperança no futuro. \_



**Vítor Serrão**

*Professor Associado de História da Arte da FLUL e do IHA da mesma Faculdade. Membro da Academia Nacional de Belas-Artes e das Associações de Defesa do Património de Santarém e de Sintra.*

*Coordenador do Mestrado em Arte, Património e Restauro da FLUL.*

*Autor de diversos estudos sobre arte portuguesa dos séculos XVI e XVII, designadamente sobre pintura maneirista.*